SUPER LITERÁRIO

1 - Novembro 2020

As Aventuras Saborosas da Escolinha Fome do Saber

Andrei Simões

SUPER LITERÁRIO

1 - Novembro 2020

A Causa Secreta

Machado de Assis

SUPER LITERÁRIO

1 - Novembro 2020

Rastros e Digitais

Victor Rogério

Carta aos leitores.
Seja a revolução, Seja Super Literário!

O Super Literário nasceu como meu projeto de final de curso de Indesign. Na época, intitulei com o nome de "Lit Magazine" (sofrível, eu sei) ocasião em que comecei a brincar com a ideia de começar uma revista digital sobre literatura. No final, acabou que a brincadeira virou uma coisa mais séria, ainda que bem divertida. Hoje, quase três anos depois da criação do Super Literário como um portal dedicado principalmente a literatura, com podcast semanal (ouça!), com notícias e a revista em si (eu sei que demorou) chegou a hora expandir essa missão e elevar a dificuldade do jogo.

Por isso, hoje, convido você, leitor, a se juntar a mim nessa missão que é levar a literatura a todos os cantos do Brasil e, se possível do mundo. A partir de agora assumi a missão de fazer o Super Literário ser a bandeira da revolução que irá fazer com que a literatura (em todas as suas formas) seja mais difundida e possa ser mais valorizada em tempos tão tenebrosos como os atuais.

A missão é árdua, mas, a exemplo do próprio tema dessa edição (literatura de terror) que já foi considerado por muito tempo como uma literatura inferior e hoje é mais valorizado (ainda que nem de longe quanto deveria), é possível elevar o valor da literatura e difundí-lo a um grande número de pessoas sim!

Nessa edição você lerá dois contos inéditos. Um deles, de autoria do Andrei Simões, me trouxe alguns traumas. Vocês verão! O outro, Rastros e Digitais, é de minha autoria e faz parte de um projeto maior que espero disponibilizar por completo em breve. O último conto é uma história de um autor já bastante conhecido (Machado de Assis), mas quem em geral não é tão lembrado pelo terror. Espero que vocês desfrutem. Lembrando que todos os contos serão adaptados para audio drama. Acompanhem nossas redes sociais para saber quando eles vão ao ar.

Victor Rogério
Editor

SUPER LITERÁRIO

#1 Novembro 2020

Contos de Terror

Editor
Victor Rogério

Capas
Victor Rogério

Diagramação
Victor Rogério

www.superliterario.com.br
revistasuperliterario@gmail.com

Curta nossas redes sociais

Facebook
facebook.com/superliterario

Twitter
twitter.com/superliterario

Instagram
instagram.com/superliterario

1 - As Aventuras Saborosas da Escolinha Fome do Saber - Andrei Simões

2 - A Causa Secreta - Machado de Assis

3 - Rastros e Digitais - Victor Rogério

As aventuras saborosas da escolinha Fome do Saber

Andrei Simões

I

Diante daquele colégio de fachada pintada de azul céu e muitas outras cores felizes, Talita suspirou, apertou com firmeza a alça da pasta que continha seu currículo impresso e outros documentos e adentrou o colégio, em passos trêmulos, mas esperançosos.

A esperança é sapato, nunca se move só.

Já na entrevista, o diretor transitava os olhos do currículo à ela, que estava formalmente sentada à sua frente, em um escritório simples, mas bem arrumado. Talita não sabia dizer se ele gostava do que lia. Sua experiência era nula, apesar de graduada com altíssimas notas. Ela se sentia pronta para encarar a árdua tarefa de educar crianças em fase de alfabetização, mas seus 20 anos e recém-saída da universidade, talvez o mundo não visse dessa forma. Como dar oportunidade a jovens profissionais se sempre exigem experiência de trabalho?

- O olhar do diretor não continha esta resposta, ou qualquer outra. Silencioso, aparentemente concentrado, ele continuava indecifrável.

Talita suava e tentava exorcizar a tensão enrolando as pontas do cabelo liso, de pontas rosadas e perdeu-se rapidamente no pensamento se deveria ter pintado seu cabelo com cores mais tradicionais. Não deveria e ela sabia disso.

Um mês depois, os passos não mais hesitavam e a nova professora da escola "Fome do Saber" já se sentia em casa, após três semanas de trabalho.

Era um ofício cheio de responsabilidades, mas também de amor, como educadora de 18 infantes fofinhos, entre três e quatro anos de idade.

Agitados, de bochechas protuberantes, olhos grandes e simétricos, eram a personificação da fofura, em toda a construção sociobiológica que faz os adultos humanos sentirem a urgência de amar e proteger seus filhotes e os de outros.

As crianças a adoravam, sempre a abraçando insistentemente, apertando-a com aquelas mãos pequenas e cheias de dobrinhas macias. Para a jovem professora, aquela era a Fofolândia, o paraíso do qual sempre estudou muito para fazer parte e também estava devidamente munida de amor.

Voltava pra casa cheirando a perfume de criança, exultante e sorridente, mesmo no transporte público de péssima qualidade, suando aquele perfume todo pra fora de si, cozinhando ao sol do meio-dia em uma cidade qualquer perto demais da linha do Equador.

Todo perfume desvanece e no apodrecer inevitável, quando a roda do tempo gira, uma eternidade de mau cheiro.

II

Uma vez por mês eram comemorados os aniversários de todos os alunos que houvessem nascido no respectivo, compartilhando a decoração e oportunizando igualmente a festa, independente de diferenças de classe. Era uma escola pequena, mas muito organizada. Neste mês de setembro, três pequenos estavam de berço.

Ao fim do ritual sempre desafinado e constrangedor do cântico dos parabéns, os dois garotinhos, um de 3 e outro de 5 anos, aguardaram que a menina, de cinco anos, soprasse as velinhas. Ela o fez e olhando diretamente para Talita, sorriu a ela com aquele típico sorriso engessado de criança que não sabe posar pra foto. Naquele momento quase o bonitinho deu lugar ao estranho, mas dominar os músculos da face para representações sociais é uma tarefa que o ser humano demora a aprender. Os dois meninos aparentemente se deram por satisfeitos, mesmo não tendo apagado as velas e atacaram o bolo com a voracidade típica de filhotes famintos por doces.

A menina nada comera e se aproximando da professora, já ao final daquela longa uma hora e meia de barulhos frenéticos provocados por crianças drogadas com açúcar, deu-lhe um beijo, mas antes cheirou fortemente a bochecha da professora, que a apertou lateralmente contra si, em uma genuína demonstração de amor matriarcal. Por aqueles segundos e muitos outros na sua rotina, Talita se sentia mãe.

Nunca pensou em ter filhos biológicos e a pressão ainda não era tão forte. Talvez quando chegasse aos trinta entenderia como quase diariamente seria cobrada, caso ainda não os tivesse. Em casa ainda era a fase de "você precisa arranjar um homem para se estabelecer" e claro, estabelecer-se seria o primeiro passo para a reprodução e povoamento do planeta com mais alguns seres humanos.

Não era obrigada. Não é obrigada. Nunca será.

A menininha se afastara e entre restos de balão estourados e migalhas de comida, Talita se viu rapidamente deitada ao chão, derrubada e cercada de crianças em um abraço que mais parecia o ataque de formigas gigantes a um igualmente grande e colorido doce. A jovem professora sentia-se acarinhada e ao mesmo em alerta para que nenhuma criança se ferisse naquele amontoado fraternal. A rainha e suas formiguinhas. Até sentir uma leve mordida na batata da perna esquerda, definitivamente de uma pequena boca humana.

III

No início, todas as relações são incríveis, os empregos, perfeitos. Apenas o tempo pode apagar das mentes a ilusão da expectativa.

Já empregada há mais de dois meses, os horários de intervalos entre as aulas começaram a mostrar as farpas da chatice. Na sala dos professores, os poucos diálogos eram sempre entrecortados por avisos do diretor, que ironicamente, sempre entrava sem avisar. Ainda indecifrável para Talita, sua falta de expressividade começara a lhe incomodar; pelo visto, os outros apenas o ouviam apaticamente e ignoravam quaisquer possibilidades de reação. Entre as raras conversas triviais, nem o falar mal do diretor acontecia, o que é definitivamente uma conversa padrão entre funcionários. Era como entrar em um elevador e não falar do clima. Ainda bem que ela sempre carregava algum livro na bolsa quase vazia.

Mas seria injusto dizer que aquele ambiente meio cinzento, totalmente o contrário das salas de aula e dos filhotinhos incansáveis, era de todo ruim. A verdade é que sempre havia a possibilidade de se comer algo incrivelmente gostoso, uma das poucas, senão a única cortesia da escola. Bolos, tortas, lanches salgados, tudo abundantemente calórico e deliciosamente longe de qualquer dieta. Talita nunca contou conversa quando o assunto é comida. Se comer é ser feliz, aquela garota era a pessoa mais feliz do mundo.

IV

Rotina não vale palavras em um livro, mas o que foge a ela, estas sim são dignas de relatos e obras. É nas brechas da realidade, no ponto invisível das intersecções, que reside o mundo profundo. Não é deus que está nos detalhes, mas nossos próprios demônios, paridos pela angústia e dor.

Em uma dessas brechas, uma nova possibilidade se abriu naquela realidade dicotômica da colorida sala de aula e mononotal sala dos professores, a percepção dos atrasos da menininha. Sim, a aniversariante descrita anteriormente. Sempre chegava na sala uns 5 minutos depois da campainha avisar histericamente o início da primeira aula. Corria à sua cadeira e sorria de ponta a ponta do rosto, aquele sorriso de cinco anos, não o sorriso esquisito de outrora, mas o que emociona e ao mesmo tempo dá vontade de apertar as bochechas.

De qualquer forma ou talvez por isso mesmo, no dia seguinte lá estava Talita em frente ao portão de entrada da escola. Precisaria conversar com os pais que os atrasos, mesmo que em poucos minutos, poderiam estar atrapalhando algumas questões sobre disciplina e assiduidade. Mas desta vez fora a professora que se atrasara para a aula, pois mesmo cinco minutos depois de tocar a campainha, esperou à toa, já que não vira a menina chegar. Na verdade, não vira nenhuma criança entrar pelo portão principal. Porém, quando adentrou à sala de aula, lá estava a criaturinha, em um vestido branco impecável de boneca e todos os seus e suas coleguinhas.

Quando se está diante de algo que não faz sentido, já que o portão da escola é bem pequeno e ela a teria visto passar, o corpo humano é tomado por leves choques de estranhamento. Não é uma sensação absurda, não paralisa os músculos, mas ativa um pequeno alerta amarelo no cérebro, algo fora de lugar e o incômodo oriundo desta sensação. Precisamos entender para dominar, precisamos entender para controlar. Mas é justo o estranhamento que causa um certo mal-estar que pode abrir as portas da percepção. É na sensação de que aquilo não deveria ter acontecido que começamos a ver a realidade por trás da ilusão do que vemos todos os dias. Desde que suportemos o que está atrás das cortinas.

No decorrer da aula, os engenheiros da razão, moldados pelos mais velhos nos cérebros de seus

filhos e que tomam força quando a criança se torna adulta, começaram a construir na mente da jovem professora as desculpas racionais para aquilo ter acontecido. Deve ter sido desatenção dela, apenas isso. Ou chegaram antes mesmo da aplicada professora ter ido à sua vigília em frente ao portão. Não importa, a questão é que, em horas, sua tranquilidade da normalidade já havia substituído a perigosa visão de que algo estaria errado.

Mão não o suficiente para que ela deixasse o assunto em paz. Ao término da aula, contrariando as ordens da escola de sempre aguardar cinco minutos para sair, podendo assim acompanhar e organizar a saída das crianças da sala, levadas pelos monitores à saída, tal como ocorre na hora da entrada, resolveu que seus olhos seguiriam os apressados passos da garotinha, que atravessou o amontoado de crianças na porta da sala e dobrou o corredor à esquerda. Justamente aquele que leva à sala do diretor. Tentando uma discrição que nunca conseguira ter, pois sempre fora demais desastrada e consequentemente barulhenta, a docente de cabelos rosados caminhou e pela esquina da curva pôde ver a porta da diretoria se fechando. As persianas descidas e inclinadas não permitiam que nada se visse e assim a cena permaneceu, na estática da dúvida e o formigamento estranho retornando ao corpo dela, mudando quando sentiu seu corpo inteiro tremer ao ver o diretor abrindo a porta e olhando diretamente para ela. Nenhum sinal da criança. A professora, parada como uma porta, olhando para uma porta, novamente fechada. A sensação havia se tornado uma certeza. Criança nenhuma entraria desacompanhada na sala do diretor ou mesmo em qualquer outro setor da escola que não fosse a sala de aula.

Torcendo para ser tudo um mal-entendido, mas esperando pelo pior, a jovem apressou e fortaleceu os passos em direção ao escritório. Abriu a porta com aquela mistura emocional evolucionária infalível de proteção parental, raiva e coragem e viu a criança sentada na mesa do diretor, voltada para ela, limpando as mãos nas franjas brancas de seu vestido, agora branco e com algumas manchas vermelhas.

De braços cruzados, comprimidos ao corpo, o diretor suava e em seus esbugalhados olhos, finalmente expressou alguma emoção: pavor.

Sem contar conversa, Talita agarrou a pequena pelos braços, abraçou-a e saiu correndo daquele cenário de seja lá o que tenha ocorrido. Sua mente estava enevoada de ódio e certeza, mas entre matar aquele homem com as próprias mãos e salvar a garota, optou pela segunda.

Em poucos passos fez a curva para o corredor que dava acesso às salas e consequentemente ao pátio principal, onde aquele portão representaria hoje mais que uma saída, talvez uma salvação. Seus olhos marejados enxergaram, bloqueando o corredor, o grupo de crianças, todas paradas, observando-a estáticas, como manequins infantis desprovidos de reação e vida. Mas sem dúvida, todos olhando para ela.

Após a reação física de parar de correr, mas antes de raciocinar e ter algum entendimento sobre a cena, Talita sentiu uma forte mordida à altura do pescoço. Os dentes não eram afiados, mas exerciam forte pressão sobre a delicada pele daquela parte do corpo. Sabia que era a pequena boca da garotinha, mas também não entendia o que estava acontecendo. Muita coisa ao mesmo tempo e nestes momentos, a espécie se entrega ao básico comportamento de auto-sobrevivência diante do terror do desconhecido. Empurrou a menina e a arremessou à sua frente, caindo sentada para trás e certamente machucando alguns ossos. Com a mão no pescoço enquanto olhava para a garota, que caiu na sua frente, em pé, viu ao mesmo tempo que sentiu que um pedaço da sua carne estava faltando; de alguns razoáveis centímetros, pendurados na boca da menina, que começou a mastigar velozmente e com alguma certeza, engolir aquele pedaço da professora.

Tentou gritar, mas o corpo não respondeu. Tentou se levantar, mas sem mesmo descobrir se conseguiria, as crianças, agora avançando sobre ela, a impediram. Com o peso delas, distribuídas pelo seu corpo, agora totalmente deitada, começou a sentir as mordidas, entre os gritos plurais, animados e ininterruptos de: — Mamãe! Mamãe!

De um modo plural, sentiu dor. Dizem que uma dor maior anula a menor, mas de alguma forma, Talita sentia cada mordida e algumas eram simultâneas, em todas as intensidades e gradações finas, agudas, crônicas e traumáticas.

Seu rosto ainda estava intacto e de maneira irracional, ainda tentava tampar a ferida no pescoço, apesar de já desconfiar que estava sangrando por outras partes de seu corpo. Sentiu um vento frio de ar-condicionado nos seus pés, que foram descalçados e que agora estavam livres para serem comidos. Não conseguia enxergar a situação, na posição que estava, mas prevendo a situação, começou a chutar e agora sim, seu corpo começara a reagir. Sentiu o pé esquerdo atingir o rosto macio de uma criança, mas logo depois as mordidas o alcançaram. Nos dedos primeiro.

Seus braços e pernas também sofriam os ataques, onde a roupa não protegia. Elas pareciam respeitar suas vestimentas e a devoravam apenas as partes descobertas, com exceção do rosto. Ainda.

Mesmo naquela situação, conseguia ter pensamentos claros, vez ou outra, e a mais clara percepção é que iria morrer.

No meio daquele caos simultâneo de dores, uma dor pujante, como sublinhada, foi a de seu dedão direito na boca de uma das crianças, sendo mastigado ao ponto da pele começar finalmente a ceder às investidas daquele pequeno carnívoro.

Não eram hienas ou poderosos leões, eram dentições em estágio primário de formação e sem muita força, mas insistentes o suficiente para começar a romper a carne de Talita em várias partes.

As crianças se amontoavam, todas as dezessete, sobre ela. Como não possuíam ainda coordenação motora fina sofisticada, muitas caíam umas sobre as outras, rolavam do montinho humano e se estatelavam na parede ou no chão atrás da comida; mas prontamente retornavam ao ato.

Os gritos sufocados começaram a sair e ficaram muito altos, alternados com o cansaço e os grunhidos de dor.

Talita estava sendo devorada, na lentidão da capacidade de filhotes.

Olhou para o lado e teve uma única imagem definida e clara, antes de sucumbir ao desespero entorpecido da morte: uma das crianças mastigava os ossos aparentes seu dedo anelar esquerdo, que quase não tinha mais carne, como um palito de sorvete de frutas vermelhas. Ela parecia muito alegre. A criança, não a professora.

Sentiu os dedinhos macios e finos na sua testa, a menina do vestido branco, agora realmente bem manchado de vermelho retornou à sua visão. A garotinha se sentou acocorada no peito da jovem e começou a pressionar seus olhos. Ao ponto da visão escurecer. Ao ponto de sentir seus olhos sendo pressionados até romperem.

E depois deste momento, apenas os sons das mordidas incessantes, carne molhada sendo mastigada, misturado aos zumbidos de algazarra infantil e aquele cheiro peculiar de perfume e shampoos infantis com sangue, vísceras e o que mais de odores o corpo já aberto e semi-devorado da professora de cabelos cor-de-rosa pudesse oferecer.

Alguns minutos depois, as crianças dormiam para todos os lados, umas abraçadas, outras simplesmente em posição fetal. Ainda sujas de sangue e próximas ao cadáver. A menininha do vestido agora totalmente vermelho era a única acordada. Supervisionou com olhar firme o diretor recolher o cadáver e acionar as duas equipes do colégio.

A primeira, formada de quatro adultos homens, prontamente começou a carregar as crianças para os fundos, onde moravam há muitos anos.

A segunda, formada por outros três homens, esperou o transporte das crianças terminar para limparem o corredor cheio de fluidos humanos.

O diretor, sem ainda se preocupar com a mão esquerda sangrando, da mordida em seu escritório, mais observava do que dava comandos, sempre sob o olhar da pequena.

Ao final de algumas horas, os adultos já recolhidos em uma única jaula de 4x4m, os funcionários se ajeitavam para dormir. O diretor, no meio da jaula, sentia leve formigamento no dedo mordido, mas conseguiu pegar no sono mesmo assim.

Final

Ao mesmo tempo que os homens caíam no sono, a mãe de Talita esperava o retorno da filha, com o jantar servido, como fazia todas as noites. Sentou à mesa e esperou por horas, até a tranquilidade dar lugar ao desespero e o desespero na tristeza eterna de ter uma filha desaparecida.

O corpo de Talita jamais fora encontrado.

Do outro lado da cidade, no porão da escola Fome de Saber, a garotinha, agora vestida com um novo vestido branco, impecável de limpo e cheiroso, observava suas crias em sono profundo, dormindo em camas limpas e decoradas com adornos condizentes às suas idades aparentes. Ela foi a última a deitar e demorou a dormir, talvez de ansiedade para conhecer o cheiro da futura professora, ou porque não se deve comer antes de dormir.

Na dicotomia da fome há apenas a comida e quem a come.

A Causa Secreta
Machado de Assis

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excelente, - de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço.

Tinham falado também de outra coisa, além daquelas três, coisa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde. Toda a conversação a este respeito foi constrangida. Agora mesmo, os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos, ao passo que há no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual. Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender é preciso remontar à origem da situação.

Garcia tinha-se formado em medicina, no ano anterior, 1861. No de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-se com Fortunato, pela primeira vez, à porta da Santa Casa; entrava, quando o outro saía. Fez-lhe impressão a figura; mas, ainda assim, tê-la-ia esquecido, se não fosse o segundo encontro, poucos dias depois. Morava na rua de D. Manoel. Uma de suas raras distrações era ir ao teatro de S. Januário, que ficava perto, entre essa rua e a praia; ia uma ou duas vezes por mês, e nunca achava acima de quarenta pessoas. Só os mais intrépidos ousavam estender os passos até aquele recanto da cidade. Uma noite, estando nas cadeiras, apareceu ali Fortunato, e sentou-se ao pé dele.

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. No largo da Carioca entrou num tílburi, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este que alguns homens conduziam, escada acima, ensangüentado. O preto que o servia acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico.

— Já aí vem um, acudiu alguém.

Garcia olhou: era o próprio homem da Santa Casa e do teatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas rejeitou a suposição, desde que lhe ouvira perguntar se este tinha família ou pessoa próxima. Disse-lhe o preto que não, e ele assumiu a direção do serviço, pediu às pessoas estranhas que se retirassem, pagou aos carregadores, e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina pediu-lhe que ficasse para ajudar o médico. Em seguida contou o que se passara.

- Foi uma malta de capoeiras. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande, e logo depois um ajuntamento. Parece que eles feriram também a um sujeito que passava, e que entrou por um daqueles becos; mas eu só vi a este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos capoeiras, roçando por ele, meteu-lhe o punhal. Não caiu logo; disse onde morava e, como era a dois passos, achei melhor trazê-lo.

— Conhecia-o antes? perguntou Garcia.

— Não, nunca o vi. Quem é?

— É um bom homem, empregado no arsenal de guerra. Chama-se Gouvêa.

— Não sei quem é.

Médico e subdelegado vieram daí a pouco; fez-se o curativo, e tomaram-se as informações. O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbi. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o médico, acompanhou-o até o patamar da escada, e reiterou ao subdelegado a declaração de estar pronto a auxiliar as pesquisas da polícia. Os dois saíram, ele e o estudante ficaram no quarto.

Garcia estava atônito. Olhou para ele, viu-o sentar-se tranqüilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpora a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De quando em quando, voltava-se para o estudante, e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios.

Fortunato saiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluída, desapareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e número.

— Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sair, disse o convalescente.

Correu a Catumbi daí a seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfastiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouvêa, defronte dele, sentado e calado, alisava o chapéu com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair, e saiu.

— Cuidado com os capoeiras! disse-lhe o dono da casa, rindo-se.

O pobre-diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdém, forcejando por esquecê-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do benefício; mas o esforço era vão. O ressentimento, hóspede novo e exclusivo, entrou e pôs fora o benefício, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar à cabeça e refugiar-se ali como uma simples idéia. Foi assim que o próprio benfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo. Picado de curiosidade, lembrou-se de ir ter com o homem de Catumbi, mas advertiu que nem recebera dele o oferecimento formal da casa. Quando menos, era-lhe preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado e morando na rua de Matacavalos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gôndola, encontrou-o ainda outras vezes, e a freqüência trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visitá-lo ali perto, em Catumbi.

— Sabe que estou casado?

— Não sabia.

— Casei-me há quatro meses, podia dizer quatro dias. Vá jantar conosco domingo.

— Domingo?

— Não esteja forjando desculpas; não admito desculpas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa palestra, em companhia da senhora, que era interessante. A figura dele não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes. Os obséquios, porém, se não resgatavam a natureza, davam alguma compensação, e não era pouco. Maria Luísa é que possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove. Garcia, à segunda vez que lá foi, percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor. Um dia, estando os três juntos, perguntou Garcia a Maria Luísa se tivera notícia das circunstâncias em que ele conhecera o marido.

— Não, respondeu a moça.

— Vai ouvir uma ação bonita.

— Não vale a pena, interrompeu Fortunato.

— A senhora vai ver se vale a pena, insistiu o médico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os ombros, mas não ouvia com indiferença. No fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silêncios, em suma, um estúrdio. E ria muito ao contá-la. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e oblíqua; o riso dele era jovial e franco.

" Singular homem!" pensou Garcia.

Maria Luísa ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o médico restituiu-lhe a satisfação anterior, voltando a referir a dedicação deste e as suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom enfermeiro, concluiu ele, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo.

— Valeu? perguntou Fortunato.

— Valeu o quê?

— Vamos fundar uma casa de saúde?

— Não valeu nada; estou brincando.

— Podia-se fazer alguma coisa; e para o senhor, que começa a clínica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a idéia tinha-se metido na cabeça ao outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa estréia para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos. Aceitou finalmente, daí a dias, e foi uma desilusão para Maria Luísa. Criatura nervosa e frágil, padecia só com a idéia de que o marido tivesse de viver em contato com enfermidades humanas, mas não ousou opor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um caso fortuito,

mas assentava na própria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos.

— Tenho muita fé nos cáusticos, dizia ele.

A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada.

No começo de outubro deu-se um incidente que desvendou ainda mais aos olhos do médico a situação da moça. Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o médico e pediu-lhe que, como coisa sua, alcançasse do marido a cessação de tais experiências.

— Mas a senhora mesma...

Maria Luísa acudiu, sorrindo:

— Ele naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como médico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que faz...

Garcia alcançou prontamente que o outro acabasse com tais estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguém o soube, mas pode ser que sim. Maria Luísa agradeceu ao médico, tanto por ela como pelos animais, que não podia ver padecer. Tossia de quando em quando; Garcia perguntou-lhe se tinha alguma coisa, ela respondeu que nada.

— Deixe ver o pulso.

— Não tenho nada.

Não deu o pulso, e retirou-se. Garcia ficou apreensivo. Cuidava, ao contrário, que ela podia ter alguma coisa, que era preciso observá-la e avisar o marido em tempo.

Dois dias depois, - exatamente o dia em que os vemos agora, - Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e ele caminhou para ali; ia chegando à porta, no momento em que Maria Luísa saía aflita.

— Que é? perguntou-lhe.

— O rato! O rato! exclamou a moça sufocada e afastando-se.

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levara um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

— Mate-o logo! disse-lhe.

— Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a cólera evidentemente era fingida.

"Castiga sem raiva", pensou o médico, "pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem".

Fortunato encareceu a importância do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosíssimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, nem lhe dar crédito. Relembrava os atos dele, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um diletantismo sui generis, uma redução de Calígula.

Quando Maria Luísa voltou ao gabinete, daí a pouco, o marido foi ter com ela, rindo, pegou-lhe nas mãos e falou-lhe mansamente:

— Fracal hona!

E voltando-se para o médico:

— Há de crer que quase desmaiou?

Maria Luísa defendeu-se a medo, disse que era nervosa e mulher; depois foi sentar-se à janela com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda trêmulos, tal qual a vimos no começo desta história. Hão de lembrar-se que, depois de terem falado de outras coisas, ficaram calados os três, o marido sentado e olhando para o teto, o médico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luísa cismava e tossia; o médico indagava de si mesmo se ela não estaria exposta a algum excesso na companhia de tal homem. Era apenas possível; mas o amor trocou-lhe a possibilidade em certeza; tremeu por ela e cuidou de os vigiar.

Ela tossia, tossia, e não se passou muito tempo que a moléstia não tirasse a máscara. Era a tísica, velha dama insaciável, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a notícia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la. Não poupou esforços, médicos, remédios, ares, todos os recursos e todos os paliativos. Mas foi tudo vão. A doença era mortal.

Nos últimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a índole do marido subjugou qualquer outra afeição. Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e

minada de morte. Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lhos pagou com uma só lágrima, pública ou íntima. Só quando ela expirou, é que ele ficou aturdido. Voltando a si, viu que estava outra vez só.

De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luísa, que a ajudara a morrer, ficaram na sala Fortunato e Garcia, velando o cadáver, ambos pensativos; mas o próprio marido estava fatigado, o médico disse-lhe que repousasse um pouco.

— Vá descansar, passe pelo sono uma hora ou duas: eu irei depois.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contígua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quis dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou à sala. Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando à porta, estacou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento.

Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

Rastros e Digitais

Victor Rogério

Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Derrubando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam se tratar
De um outro cometa
Segundo Sol, Nando Reis

Ele acordou sobressaltado e desnorteado. Olhou em volta. Dormira na mesa da pequena biblioteca, praticamente vazia, rodeado por recortes de jornais antigos e livros de registros abertos. O calor era intenso naquele dia sendo o combustível perfeito para uma soneca após tanto trabalho. Uma leve poeira de bolor subia após ter revirado tantos papeis antigos junto de sua equipe. Olhou para a palma da mão direita e ali havia um "S" riscado a caneta. Não lembrava porque havia escrito isso. Provavelmente fora alguma anotação referente à pesquisa dos desaparecimentos que investigava, mas, agora em específico, lhe escapava completamente qual seria o significado daquela letra.

— Acordou, dorminhoco? — Saudou uma voz feminina.

— Lara?! — Ele exclamou virando para trás. Olhou a mulher que colocara as mãos em seus ombros. Era baixa e rechonchuda — Desculpa, acabei caindo no sono. Estou trabalhando muito...

— Calma, Miguel, não tem problema. — Ela responde — Sei que estamos todos motivados a entender esse caso. Achamos bastante coisa nos arquivos, talvez seja a hora de reunirmos o que temos.

— Tudo bem, pode chamar o resto da equipe.

Lara desapareceu por um instante entre das prateleiras para encontrar os outros dois pesquisadores enquanto Miguel fitava a própria mão tentando decifrar o que significava a letra misteriosa que gravara. Pensou por vários minutos, levou as mãos aos óculos, mas estranhou como simplesmente não conseguiu tocá-los em seu rosto. Era como se existisse uma barreira invisível que o impedia de levar a mão até eles. Meio confuso entre essa sensação estranha e fitando a letra gravada na mão, percebeu que Lara voltava com o resto da equipe.

De repente esqueceu-se de ambos e focou sua atenção na equipe.

— Acho que essa mesa aqui é suficiente — apontou para uma mesa grande com 5 lugares — tragam tudo o que acharam.

Lara, uma outra mulher mais alta e ruiva e um jovem garoto que não aparentava mais do que uns 20 anos trouxeram uma pilha grande de recortes e despejaram sobre a mesa. Uma nova nuvem de poeira levantou-se. Mas Miguel não estava se importando.

— Então? O que temos? Lia? — Apontou para a ruiva — Quer começar?

— Bem... nada muito promissor. — Ela suspirou um tanto desanimada — Aparentemente desaparecem pessoas perto dessa casa desde sempre. Um relato de uma equipe de repórteres aqui... hmmm.... vejamos... um repórter desaparecido, a equipe aparentemente enlouqueceu em seguida... Mas eu não achei nada realmente concreto sobre esse caso. Pode muito bem ser fake.

— Rubens — Miguel falou — Alguma coisa promissora?

— Olha... – Rubens começou – nada muito promissor também. Aqui e ali alguns recortes de jornais com fotos estranhas. Um grupo de cultistas invadiu a casa e desapareceu em seguida. Mas é um de um

jornal que também já noticiou sobre ter fotos do chupa-cabra e do bebê demônio. Então não tem como levar muito a sério também. Há em alguns livros uns relatos sobre luzes piscando, mas pode tudo ser só superstição mesmo.

— Lara — Miguel agora estava um tanto desesperado por informações — salve-nos, por favor?

— Miguel a questão toda é que essa casa e essa colina têm tudo para ser só mais uma creepypasta. Encontramos vários relatos de desaparecimentos, mas é tudo tão forçado... 4 pessoas desaparecidas e nenhuma investigação? Aqui — ela puxou um recorte com metade de uma página de jornal antigo — tem um relato de um policial. Ele fala que a polícia está averiguando as pistas e tal e olhe o que vem abaixo.... Ele fitou o resto da folha. Abaixo da reportagem sobre os desaparecimentos, uma foto gigante de um candidato político e um longo relato (com "provas") sobre como ele tinha pacto com o diabo.

Miguel tentou passar a mão no rosto num movimento exasperado sem paciência, mas novamente a barreira invisível impediu. Ela pensou em comentar isso com os outros, porém rapidamente esqueceu o assunto e voltou-se para os recortes.

— Não é possível... tem que ter alguma coisa. As pessoas estão de fato desaparecidas. Alguém tem que saber algo. Talvez se a gente pesquisar nova....

— Desculpem... — o homem que há pouco estava lendo um livro numa das prateleiras próximas, se aproximou da mesa e cortou a fala de Miguel — não pude deixar de ouvir as conversas de vocês. Estão procurando coisas sobre a casa da colina certo?

— Sim — Miguel fitou-o por entre a lente dos óculos — O senhor pode nos ajudar?

— Talvez... – O homem respondeu — talvez eu possa ajudá-los a me ajudarem. Esses jornais não terão muita serventia. A mídia dessa cidade não é das melhores.

— Percebemos — disse Miguel, entre um riso debochado.

— Minha irmã mais nova está entre os desaparecidos... — Miguel tirou o riso do rosto. — E eu garanto: são bem mais que 4. No mínimo 8. Minha irmã, inclusive não aparece em nenhum dos registros. As informações que vocês precisam estão nesse livro. — E atirou um livro sobre a mesa.

O tomo era relativamente grande, com uma capa dura de couro. Era um livro que listava as casas da cidade. Havia um trecho grande sobre a casa da colina.

— Como isso pode nos ajudar? — Miguel indagou.
— Leia! — O homem respondeu — Vocês estão procurando informações para saber se vale a pena investigar a casa da colina. Garanto que vale.

Miguel leu a página relativa à casa da colina. Estava abandonada há um bom tempo. O dono morava no exterior e deixara a casa para trás após a morte da esposa e dos dois filhos. Uma sequência de fotos mostrava como o prédio estava impecável há anos, mesmo com todo o entorno ficando em um estado deplorável.

— Ok, isso é estranho. — Miguel falou indicando a seus amigos pesquisadores — Se essas fotos são verdadeiras, a casa está abandonada há anos e não tem nenhum problema. Olhem essa primeira foto. É a mais antiga de todas e tem uma árvore. E nessa foto recente a árvore está completamente morta, mas o prédio não tem uma única rachadura, nem musgos. — Miguel olhou para o homem misterioso — Quem é você? Como você soube desse livro?

— Meu nome é César. Sou jornalista... da capital. Tive uma dica da minha irmã, Bela. Ela é uma pesquisadora muito melhor que eu porque eu jamais teria encontrado esse livro se não fosse por uma dica dela. Assim como vocês ela estava investigando a casa. Ela queria entender o aparente efeito psicológico que ela tem sobre algumas pessoas, mas desapareceu há alguns dias. Estou tentando encontrá-la.

— Entendo, César. Eu sou o Miguel. Esses — ele apontou para sua equipe — São Lara, Rubens e Lia. Acho que com as informações que temos nesse livro, poderemos iniciar uma investigação mais direta na casa. Você gostaria de vir com a gente?

— Claro. — César devolveu — Eu sei que não conseguiria investigar aquela casa sozinho.

***

O calor permaneceu. O carro não tinha ar condicionado e as 5 pessoas se apertaram dentro dele com as janelas abertas. Havia muito mato em volta da estrada de terra até o alto da colina onde estava localizada a imponente mansão. Entretanto, mesmo o mato e as ervas daninhas ficavam cada vez mais raros à medida que se aproximavam da construção.

— Parece que nada permanece vivo em volta dessa casa — Cesar estava dirigindo a analisando o entorno pela janela de seu carro

— Talvez seja só uma superstição. — Lara devolveu, um tanto impaciente. Miguel sabia como ela era cética. Ela, aliás, foi quem quis começar essa investigação para justamente provar que não existia nada de anormal na casa.

O carro chegou ao seu destino e o grupo, ao sair do veículo, logo percebeu o quanto a casa era ainda mais bizarra que nas fotos. Havia um grande muro fechado com um gigantesco e enferrujado portão. O muro, a entrada, o jardim, um casebre próximo localizado fora da propriedade principal, tudo parecia estar morto, exceto a casa em si. A casa parecia estar em seus melhores dias.
Miguel olhou o cenário franzindo o cenho. Era muito estranho. Já fazia menção de se aproximar do portão quando escutou um grito:

— Saiam! SAIAM! O QUE PENSAM QUE ESTÃO FAZENDO — um senhor muito velho saiu do casebre que ficava a lado do muro antes da entrada. — Ninguém pode ficar próximo dessa casa!

— Calma, Senhor... — Rubens se apressou em responder — estamos investigando os desaparecimentos.

— Que desaparecimentos?! Não venham me importunar. Trabalho já há 60 anos protegendo essa casa. Toda semana vem gente aqui como vocês! NINGUÉM VAI ENTRAR!

Miguel ficou um tanto assustado com a força do grito do velho. Olhou-o de alto a baixo e a primeira coisa que pensou era em como um senhor de idade com aparentemente tantos problemas de saúde conseguia proteger a casa.

— Senhor, calma. Só estamos aqui na frente. Não fizemos absolutamente nada de errado. — Miguel tentou acalmá-lo

— Não fizeram, mas estavam planejando. Pensa que eu não sei? Todos adoram vir me importunar. Mas não adianta, podem fazer o que quiserem que eu continuarei protegendo essa casa — O velho estava lívido, seu rosto, atrás das diversas rugas, vermelho.

Ele olhou para o resto de seu grupo, Lia e Lara tentavam falar também, mas pareciam um tanto

consternadas com a reação agressiva daquele senhor. Rubens tentava em vão segurar o velho que não parava de esbravejar. Cesar então tirou algo do bolso e falou:

— Você deve ser o Augusto. — O velho pareceu se acalmar por 5 segundos tentando ouvir o que ele falava — Eu sei que estamos importunando seu trabalho, mas desejamos apenas olhar algumas coisas na casa. E eu tenho aqui um documento com autorização do juiz da cidade que me permite entrar na casa. Não queremos usar força.

Miguel ficou intrigado. Por que Cesar não falara do assunto até aquele momento? Ainda mais descobrindo que ele tinha contato direto com um juiz da cidade.

Augusto pareceu ficar ainda mais irritado. Leu o documento parecendo bem contrariado. Por um segundo, Miguel jurou que o velho iria apenas rasgar os papeis e jogar no chão, mas ele se limitou apenas a expirar profundamente e abrir passagem para os visitantes.

— Queremos investigar a sua casa — Cesar falou também.

Sem poder fazer nada, Augusto andou até seu casebre (chamá-lo de casa, aliás, era um grande elogio) pisando o chão com bastante raiva. Abriu a porta e o grupo entrou.

O cenário interno conseguia ser pior que a parte externa. O casebre era realmente bem pequeno e apertado em seus dois cômodos: um parecendo uma mistura de sala e cozinha; o outro separado por uma porta caindo aos pedaços com uma cama e algumas prateleiras. Os seis mal cabiam lá dentro, mas, mesmo assim, Cesar quis investigar o pequeno quarto.

A cama parecia tão ruim quanto o resto da casa. E acima dela estavam várias prateleiras com vários objetos estranhos organizados em fila. Miguel observou-os e percebeu que pareciam ídolos.

— Parecem ídolos de várias culturas diferentes — começou Rubens, pegando um dos objetos — tenho certeza de que esse é hindu. Mas aquele ali — apontou — tenho certeza que não é.

— Onde conseguiu esses objetos? — Cesar indagou a Augusto.

— Aqui e ali... — o velho ainda parecia irritado. — As pessoas que me importunam sempre trazem esses objetos para cá. Eu apenas cato do chão e trago aqui.
Cesar não parecia convencido.

— Vocês ainda pretendem continuar aqui por muito tempo? — Continuou Augusto — Tenho muito o que fazer. Não queriam investigar essa maldita casa? Vão logo!

— Talvez nós agora queiramos entender sobre esses símbolos — respondeu César. — E sobre como você os guarda.

Lara então interveio:

— Você está realmente sugerindo que esse velho está envolvido com rituais? — Lara é quem parecia irritada agora — É óbvio que ele não faz a menor ideia do que está guardando.

Miguel sabia da irritação dela com a sugestão do sobrenatural. Mas achou a reação um tanto exagerada e interveio:

— Calma! Não precisamos nos exaltar desse jeito. Tenho certeza de que o senhor Augusto apenas tem esses objetos aqui guardados. Vamos prosseguir e averiguar a casa. — Virou-se para falar com o velho e viu apenas a porta aberta.

— Onde ele está? Ele estava aqui agora mesmo...

— Vocês viram ele sair? — Perguntou Rubens.

Todos se entreolharam e então resolveram sair do casebre. Ao passarem pela porta perceberam o quão fria estava a casa em relação ao lado externo. A mudança de temperatura era gritante como se houvessem saído de uma sala com ar condicionado para o calor de uma praia, apesar de não terem percebido isso ao entrar. Lá fora não havia sinal de Augusto, mas o portão agora estava aberto. A situação estava tão estranha que eles esqueceram a briga que ocorrera há pouco e adentraram ao portão.

A sensação de esfriamento voltou. A medida que se aproximavam da porta principal, parecia que a temperatura diminuía. O ar seco tornava-se tão úmido quanto a beira mar. Miguel começou a olhar ansioso para o resto da equipe. Todos pareciam apreensivos. Cesar estava claramente estranhando a mudança de temperatura, mas continuou a andar. Apenas Lara andava firmemente sem se incomodar com aquela sensação bizarra. Miguel sabia: Lara era tão cética que jamais admitiria que estava estranhando.

Enfim abriram a porta principal e entraram, Miguel à frente. A abertura revelava um pequeno corredor e logo em seguida um grande salão principal suntuoso com uma grande tapeçaria na parede principal. Por mais antigo que o casarão parecesse por fora, o lado interno estava novo em folha. Não havia poeira, apesar do tempo. Não havia mofo, apesar a umidade. Os cinco se acumularam no meio do salão e começaram a analisar a tapeçaria. Era abstrata, parecia um meio termo entre Van Gogh e Picasso. Havia vários detalhes em verde e azul. Miguel acompanhou-os com os olhos até que, por um segundo, as linhas formaram um desenho de um tentáculo. Ele acompanhou o verde do desenho e agora lhe parecia que a arte se movia.

Um arrepio lhe subiu a espinha ao mesmo tempo em que sentiu um aperto forte no coração. Foi se afastando da parede até tropeçar e cair sentado no chão. Todos o olharam. Cesar, Lara e Rubens pareciam normais. Lia estava pálida.

— Vocês viram isso? — A voz de Miguel soou extremamente aguda — A tapeçaria... Se mexeu.
Cesar franziu os olhos. Lara ficou impaciente:

— É a mudança de temperatura. Estava muito quente lá fora e aqui está mais fresco. Está tudo certo, não aconteceu nada demais.
Rubens e Cesar correram para ajudar Miguel a levantar. Ele olhou para a tapeçaria de novo e tudo estava normal. Olhou para Lia.

— Tudo bem?

— Está... tudo... bem... — Lia estava pálida. — Não foi nada. Deve ter sido a nossa imaginação.

O grupo se reuniu novamente e seguiu por um longo corredor. Vários quadros estavam dispostos por eles. Alguns eram de rostos, talvez de familiares do dono. Outros eram artes abstratas. Miguel seguia angustiado. Começou a ficar com medo de olhar os quadros e enxergar novamente aquela coisa bizarra. Focou olhando apenas para a ponta do corredor.

O corredor culminava numa cozinha gigantesca. O espaço era grande e cheio de armários e fornos. Parecia uma cozinha industrial. Com certeza ali seria possível cozinhar para uma boa quantidade de pessoas. Miguel sentiu um certo alívio de ver que ali não havia quadros. Ao fitar Lia, entendeu que ela sentia a mesma coisa.

Cesar andou pelo cômodo pegando alguns vidros. Um vidro em especial chamou sua atenção. Cesar passou algum tempo analisando-o.

— Curioso. — Disse.

— O quê? — Miguel indagou — O que é curioso?

— Lembra dessa marca? — Cesar então mostrou o rótulo para o grupo. — Ela não existe desde os anos 80. Esse vidro deve estar aqui há pelo menos 50 anos. Mas, se prestarem atenção ao lado de dentro,

não tem nenhum sinal de mofo ou de estar estragado.

— Você não vai provar, certo? — Lara cortou — Se não parece estragado, não significa que não está. Aliás, definitivamente acho que vocês estão vendo de tudo hoje, hein? Primeiro uma tapeçaria se mexendo. Agora isso...

Miguel ficou um tanto irritado. Apesar de fazer sentido (obviamente a tapeçaria não se mexeu), não conseguia deixar angústia de ter enxergado de lado. E agora parecia que Lara estava fazendo pouco caso. Ele estava pronto para rebater Lara, quando olhou para Lia. Ela tremia. Estava suada.

— Lia, você está bem?

Ela estava pronta para chorar. Talvez o comentário de Lara tivesse acertado muito forte. Ou talvez não... Ela correu então até uma mesa e pegou uma faca. Apontou ela a esmo, girando sem parar.

— Lia! — Miguel gritou. — Calma! O que está acontecendo.

— Miguel! As janelas... Sangue... — Lia apenas balbuciava as palavras chorando.

Miguel então correu até Lia. Com cuidado, pois ela ainda apontava a faca ameaçadoramente. Segurou a faca bem devagar pela lâmina e tirou cuidadosamente da mão de Lia.

— Está tudo certo. Não está acontecendo nada.

Ele mesmo não acreditava nisso. Sabia que Lara era extremamente cética, mas algo claramente estava afetando Lia. Ele, então olhou para o grupo.

— Talvez devêssemos ir embora. Lia claramente não está bem.

— Sério mesmo? — Lara falou cada vez mais irritada — A gente se abalou até esse maldito casarão. Vamos terminar de investigar. Lia, segura esse chilique! César, por favor, não vamos mais parar a qualquer detalhe que seja. Imagino que queira encontrar sua irmã, não?

Miguel ficou revoltado com o comentário de Lara. Deu um olhar censurando sua fala e tentou acalmar Lia na medida do possível. Cesar pareceu mais motivado quando ouviu o nome de sua irmã.
Os quatro então resolveram continuar caminhando. Miguel, no entanto, antes de sair da cozinha, olhou a faca em sua mão. Aliás, era uma faca? Ele tentou analisar com mais calma, ver se havia alguma insígnia marcada. A faca então se transformou em algo, ele não saberia dizer o que. Ainda havia uma lâmina, mas parecia viva, mole como carne. Era tão abstrato que o arrepio voltou a sua espinha. Jogou o mais longe que pode e saiu correndo atrás do grupo.

Seu corpo agora estava completamente arrepiado. A angústia só aumentava. Mas tentou fingir o máximo que pode para não irritar ainda mais Lara.

Eles andavam agora por um novo corredor. Mais quadros. Miguel não conseguia nem levantar a cabeça para olhá-los. Caminhou olhando apenas o chão. Queria muito ir embora dali. Chegaram ao que parecia ser uma biblioteca. Aqui o cenário era completamente diferente do resto do casarão. Vários livros estavam abertos e jogados pelo chão. Alguns com páginas faltando. Parecia que havia ocorrido uma briga há pouco tempo. Algumas janelas tinham vidros quebrados. Havia duas portas grandes que pareciam dar acesso a um jardim.

Rubens caminhou até um dos livros. Pegou uma das folhas jogadas pelo chão com um texto escrito à mão.

"São as ilusões. Elas vão matar vocês. Fujam. Fujam de T..." – Rubens leu em voz alta.

— "T"? — Cesar comentou, pegando o papel na mão — O que seria "T"?

Cesar de repente jogou o papel no chão.

— Está sujo de sangue. — Ele sacudiu a mão tentando limpar algo. Rubens soltou um grito e começou a fazer o mesmo movimento.

Ambos começaram a passar as mãos pela camisa e pela calça tentando limpar algo que parecia invisível. Miguel não sabia como reagir e Lia, ainda trêmula, voltou a chorar.

— Parem com isso! — Lara gritou e andou até Cesar e Rubens, pegando suas mãos — Nada está acontecendo. Viu? Não tem nada na mão de vocês. Miguel, faça algo. Não me olhe com essa cara. — Lara então andou até Lia e deu-lhe um tapa no rosto. — Lia, se recomponha. Precisamos prosseguir pro jardim Miguel nunca vira Lara daquele jeito. Ela estava transtornada. Ainda que fosse pelo ceticismo, era um exagero de reação. Entretanto, antes que pudesse fazer qualquer coisa que fosse, Rubens desapareceu.

Miguel, Lia e Lara olharam para onde dois segundos antes estava Rubens. Os três com olhos arregalados. Cesar, no entanto, continuava limpando sua mão como se nada tivesse acontecido. Lia se ajoelhou no chão e começou a chorar ainda mais copiosamente. Miguel agora estava com a ansiedade a mil. O que fora aquilo? Lara, pela primeira vez parecia sem reação.

— O que aconteceu ao Rubens? — Miguel perguntou sem direcionar a alguém em específico.

— Quem é Rubens? — Cesar respondeu rapidamente, enquanto limpava a mão, agoniado.

— Como assim "quem é Rubens?" — Miguel prosseguiu — Ele estava agora do seu lado.
- Desculpe, Miguel, não conheço nenhum Rubens.

Miguel então virou-se para Lara, suplicando para que ela falasse algo.

— É uma brincadeira dos dois, só pode — Lara respondeu. — Vamos sair dessa sala. Rubens com certeza deve estar lá fora.

— LARA! — Miguel finalmente não aguentou mais — Quer baixar essa bola? Eu sei que você é cética até a alma, mas não está vendo que a Lia está passando mal? Rubens sumiu na nossa frente. Como pode achar que isso é normal?

Lara respirou fundo como se estivesse contando até dez para se acalmar. Miguel foi até Lia e tentou confortá-la. Ela não parava de chorar. Cesar não tentava mais limpar a mão, mas agora estava visivelmente abalado. Apenas Lara permanecia normal. Miguel estranhou.

— Lara... você está bem?

— Estou. Por que não estaria?

— Sei lá... a situação está bizarra. Tivemos essas alucinações, Rubens desapareceu bem na nossa frente e você parece que não está esboçando reação nenhuma.

— Não é óbvio? Eu sei que tudo isso tem uma explicação racional. Tudo tem. Não vou me abalar com essas bobagens e eu tenho certeza que o Rubens está pregando uma peça na gente. Vamos prosseguir com a investigação e tenho certeza que ele vai aparecer escondido em algum canto dessa casa.
Lara não esperou a resposta. Andou até a ponta da biblioteca, escancarou as portas para o jardim e saiu pisando forte, deixando bem clara a sua irritação.

Miguel respirou fundo. Estava irritado com Lara, mas depois de tudo não queria que ela andasse sozinha por aquela casa. Ajudou Lia a se levantar, ela ainda chorando um pouco e virou-se para Cesar:

— Vamos atrás dela. Ela é irritada, mas não pode andar sozinha nessa casa maldita. Espero que encontremos o Rubens, como ela falou.

— Sério, quem é Rubens? — César voltou a falar.

— Você está louco?! Ele estava aqui há cinco minutos. Ele... quer saber? Vamos atrás da Lara logo!

Os três saíram andando rápido. Lia não estava andando direito, mas Miguel andou firme para apertarem o passo.

O jardim era vasto. Talvez tão grande quanto o espaço que o casarão ocupava. Havia um paredão decorado com plantas. Miguel esperava contorná-lo e encontrar Lara logo atrás dele. Entretanto, logo percebeu que escutava vozes cantando em coro numa língua muito estranha. A música era terrível e lhe trazia mais arrepios. Olhou para Lia, havia terror no seu rosto. Cesar também estava abalado. De repente, percebeu Lara vindo em sua direção, voltando de trás do paredão. Ela corria na direção deles, fazendo sinal para pararem.

— Fiquem onde estão. Acho que descobrimos algo grande agora. Tem várias pessoas aí atrás. É como se estivesse fazendo um ritual. Consegui ver uma pessoa de longe. Parece ser da equipe de repórteres que desapareceu. Miguel, você tem uma câmera.

— Sério que você está pensando nisso, nesse momento? E se eles forem perigosos. Olha o estado em que a Lia está.

— Eu não estou ligando nem um pouco para como a Lia está. Eu sei que agora podemos descobrir todo o mistério da casa...

A música então mudou de ritmo. Estranhamente parecia vir de todos os cantos. Lia voltou a chorar falando baixinho:

— Não... Não... Não...

Miguel não sabia o que fazer. Sentia que estavam em perigo. Não sabia exatamente o que estava trás do paredão e o que Lara vira. No entanto antes que pudesse fazer qualquer coisa, Lia se levantou e começou a correr em círculos, ela estava transtornada. Suava bastante e respirava com dificuldade. Miguel tentou se aproximar dela, mas Lia tirou do bolso da camisa uma faca, idêntica à que havia pegado na cozinha há pouco. Ele tentou se aproximar dela devagar, mas ela atacou sem pensar, fazendo um corte em sua mão.

A ansiedade de Miguel aumentou ainda mais após ter entrado em contato com a faca. De repente, Lara apareceu e acertou a cabeça Lia com uma pedra. A mulher cambaleou e caiu no chão.

— VOCÊ ESTÁ LOUCA!? Por que você fez isso?

— Você é quem está louco — Lara começou — Ela estava pronta pra matar você com essa faca. Não podia deixar ela machucar você.

— Mesmo assim. Podíamos ter tentado acalmá-la.

César apenas fitava os dois a distância, com uma expressão bem preocupada.

— Você não entendeu, né? — Lara prosseguiu — Minha prioridade é você. Não quero você machucado. Preciso de você.

Aquela frase soou extremamente estranha nos ouvidos de Miguel.

— Você disse... "preciso"? Você precisa de mim? — Ele andou até Lara.

— É, Miguel, eu preciso de você. O que tem de mais nisso?

Miguel esticou a mão para pegar a pedra que Lara ainda segurava. Quando puxou a pedra e jogou no chão, viu uma marcação na mão da mulher. Ele arregalou os olhos. Abriu sua mão e viu que o "S" ainda estava marcado lá. Puxou a mão dela sem muita cerimônia. Havia um "T" marcado em tinta de caneta.
— Lara — ele estava tão ansioso que estava ofegante e sem ar — O que está acontecendo? Você é a única que não foi afetada pelas ilusões. Achei que era pelo seu ceticismo, mas...

Tudo aconteceu em um segundo. Ouviu um barulho atrás de si e de repente tudo se apagou.

***

Sentia uma dor lancinante na cabeça, assim como nas mãos e pés. Ouvia um canto de várias pessoas. Antes de Miguel conseguir abrir seus olhos percebeu estar suspenso e amarrado pelas mãos em pernas em algum lugar. Tentou abrir os olhos e viu várias sombras ajoelhadas à sua frente. A ansiedade aumentou. Piscou novamente e viu que na verdade eram várias pessoas ajoelhadas, cantando. Estava suspenso num totem. Não conseguia se mexer o suficiente parar ver como era em detalhes. Olhou para baixo e viu que havia umas 20 pessoas entoando o canto a sua frente. Logo abaixo de si havia alguns corpos e muito sangue. Parte do sangue vinha de seu corpo: seus pés estavam cortados desde o tornozelo até cada um dos dedos. Suas mãos estavam cortadas da mesma forma, desde o pulso. Começou a gritar por ajuda.

Olhou para as pessoas e reconheceu Lia entre elas. Gritou para ela, ela não respondeu. Parecia em transe. Talvez fora ela quem o acertou na cabeça. Miguel então começou a chorar.

Lara estava num canto mais distante. Conversava com alguém. Gritou para ela.

— Lara, por favor — ele gritou em meio ao choro — me ajuda! Desculpe! Eu não sei o que eu fiz, mas pelo amor de Deus me tire daqui!

Lara e a outra pessoa se aproximaram. Miguel então notou que era Augusto. Nunca vira Lara daquele jeito. Havia um sorriso sinistro em seu rosto. Ela virou-se para o grupo que cantava. Gritou palavras em alguma língua que Miguel não entendia. Pareciam apenas barulhos. Augusto então entregou um objeto em sua mão. Era a faca que Lia usara para atacá-lo.

Lara cessou o discurso naquela língua estranha, chegou bem próximo do totem onde ele estava amarrado.

— Vai doer um pouquinho. — Disse.

E desferiu um único golpe na sua barriga. A faca estava bem afiada e o corte abriu seu abdômen de ponta a ponta. Miguel gritou. Sentiu uma dor absurda, seguida da sensação bizarra que eram seus órgãos se esvaindo pela abertura. Ele começou a ficar tonto pela perda de sangue a sensação era terrível e agora ele só queria morrer para que tudo acabasse.

Mas ele apenas permanecia nessa sensação entre a vida e a morte sem nunca ir para um dos lados. Ainda estava vivo quando começou a sentir algo estranho nas mãos e pés. Olhou para a mãos. Dos cortes dos dedos começaram a sair pontas verdes. Não saberia dizer exatamente o que seria aquilo. Era como a alucinação da faca que tivera na cozinha: era pontas que pareciam afiadas, mas também eram como carne. Seus pés estavam passando pelo mesmo processo. Parecia que algo estava saindo de seu corpo.

Tinha certeza de que seus órgãos já haviam saído por completo de dentro da barriga, mas agora a mesma sensação das mãos passava pelo corte no abdome. A dor era terrível. Sentiu sua pele rasgando completamente: primeiro os cortes das mãos, seguido dos braços, pernas, até que sentiu seu externo abrindo de dentro para fora. Algo saiu de dentro dele. Ele não sabia o que era, mas estava de pé na sua

frente. Ele sabia que devia estar morto, mas, incrivelmente vivera o suficiente, até o momento que a criatura saíra de seu peito. Quando ela andou até o lado de Lara e Augusto, Miguel finalmente caiu.

***

Miguel acordou sobressaltado. Estava com os olhos tapados. Tirou rapidamente o que estava em seu rosto e percebeu que era como um par de óculos de realidade virtual. Ele também estava dentro de um cockpit fechado por um vidro. Levou a mão até a barriga onde havia sido cortado. Estava tudo certo. Estava vivo, não havia nenhum corte em seu corpo. O vidro se abriu e pode se levantar.

Ao sair do cockpit, se deparou com uma sala vasta com mais três cockpits idênticos, um aberto e dois fechados. A sala era completamente branca, lembrava um laboratório muito avançado e atrás havia uma grande parede com uma grande tela cheia de gráficos. Do outro lado da sala, havia um vidro e várias pessoas vestidas com batas estavam atrás de telas de computador. Rubens estava entre elas. Miguel definitivamente não entendia o que estava acontecendo.

Os dois cockpits se abriram e, de um deles, saiu Lia. Ela levantou como se nada tivesse acontecido. Do outro levantou Lara. Ao vê-la, Miguel começou a suar frio e a sentir novamente o arrepio na espinha. Lara andou até ele, achando graça e disse:

— Viu? Eu disse que ia ganhar? Você ainda conseguiu descobrir que eu era a traidora, mas eu venci de qualquer forma!

Miguel teve um surto. Saiu correndo e começou a bater no vidro, pedindo ajuda. Lara tentou se aproximar dele para acalmá-lo e ele começou a chorar. Sentou-se no chão perto da parede branca em posição fetal e ficou se balançando, chorando copiosamente. Lara conseguiu chegar perto dele tentando chamar sua atenção. Olhou-o nos olhos. Ele agora apenas olhava para o horizonte para um ponto indeterminado. Ela tentou reanimá-lo, mas ele não retornou.

***

Lia caminhava por um corredor longo. Estava ansiosa por aquela reunião. Os resultados não tinham sido exatamente perfeitos e agora tinham o problema com Miguel. Não sabia como o novo gerente responsável pela pesquisa iria reagir. Não tinha ouvido nada muito bom sobre ele e já ouvira muito sobre suas reações exageradas quanto a negativas.

Entrou na sala. Era um escritório grande com uma janela panorâmica que dava para o rio onde a cidade margeava. A mesa estava cirurgicamente organizada entre vários papéis, canetas e um prisma escrito "Daniel Mascarenhas: Gerente: Divisão de Pesquisa". O cérebro metálico, logo da Mindtech, estava por todos os lados decorando armários e portas. Atrás da cadeira havia uma mesa holográfica estranha que Lia não vira na última visita ao escritório.

Ele virou da cadeira e abriu um sorriso.

— Vamos, Lia. Sente-se, quero saber os resultados.

Ela colocou uma pasta sobre a mesa. Na capa estava escrito "Rastros RPG: Edições Digitais".

— As experiências da última semana seguiram bem. Testamos o jogo com várias pessoas e em geral os resultados foram bem promissores.

— Como está a experiência com a rolagem de dados automática?

— Funcionou bem. Podemos controlar perfeitamente as possibilidades e todas as partidas funcionaram bem tantos nos modos simples, quanto no hardcore.

— Testaram a desconexão?

— Sim e ela precisa ainda precisa ser afinada. Em uma das partidas de teste um estagiário jogou até um dado momento e foi desconectado. O código do NPC atualizou, mas ao invés de criar uma reação que fizesse sentido, ele apenas ignorou a existência do jogador. O fluído neural também não funcionou perfeitamente. Os jogadores continuaram notando a ausência da pessoa que ficou offline. Estamos corrigindo esse código exatamente nesse momento.

Lia respirou fundo.

— Lia, tem alguma coisa que você quer me contar, né? Aconteceu algum problema? Você está falando como se estivesse num velório e não me apresentando bons resultados.

— Bem, tivemos alguns problemas. Vou enumerar dos simples até os mais graves. Primeiro: a realidade virtual está apresentando alguns glitches. Os sentidos dos jogadores têm entrado em imersão muito bem, mas eles ainda têm a sensação tátil dos óculos. Nenhum jogador saiu da imersão por causa disso, mas alguns passaram pelo sentimento de estranheza no meio da partida.
Segundo: o fluído neural revelou ser bem efetivo. A imersão funciona bem para o controle dos sentidos, mas, após as partidas alguns jogadores revelaram certo estresse. Nas partidas cooperativas, não está acontecendo nenhum problema. Entretanto, nos modos de times, alguns jogadores estão passando por crises de ansiedade após o final do jogo. No modo Traidor, tivemos um teste que deu completamente errado. Um dos nossos cientistas jogou como sacrifício e saiu surtado. Extraímos o fluído neural do seu corpo, mas ele permanece em choque. Pelos testes neurais, a mente dele segue repetindo em loop a experiência de morte do modo hardcore.

Lia falou tudo. Imaginou o esporro que viria em seguida, mas não foi o que aconteceu.

— Sério? — Daniel respondeu calmamente — Vamos trabalhar para corrigir o problema e recuperar nosso amigo, certo?

Lia estranhou, mas prosseguiu.

— Diretor, a família dele falou sobre processar a Mindtech...

— Tudo bem, vou resolver isso. — Estranhamente, Daniel continuou respondendo sem se exaltar. — Sabe... há algum tempo tive alguns problemas com testes de androides e pude resolver de forma simples. Esse incidente não precisa ser tratado de forma diferente.

Ele se levantou, andou até a mesa holográfica. Mexeu a pulseira em seu pulso e os hologramas ligaram. Lia observava desconfiada. Daniel mexeu em alguma coisa no holograma e retornou a Lia.

—Vamos prosseguir com o lançamento para o mercado, certo?

— Claro, está tudo resolvido.

Lia se levantou e saiu do escritório.